

O senhor Dom Miguel I, e a senhora Dona Maria II

João Augusto Novaes Vieira

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of O senhor Dom Miguel I, e a senhora Dona Maria II

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O senhor Dom Miguel I, e a senhora Dona Maria II

Author: João Augusto Novaes Vieira

Release date: October 29, 2009 [eBook #30355]

Most recently updated: January 5, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O SENHOR DOM MIGUEL I, E A SENHORA DONA MARIA II ***

O SENHOR DOM MIGUEL I,
E
A SENHORA DOM MARIA II.
COMPARAÇÕES.—REFLEXÕES.—
DESENGANO.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Sancta Thereza, n.º 28.
1852.

Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes
amostrando.

CAMÕES.—OS LUSIADAS.

{3}

PRIMEIRA PARTE.

COMPARAÇÕES.

N'um folheto de 16 paginas, impresso na typographia da rua das Hortas, n.º 82 a 84, lêem-se umas comparações entre S. M. a Rainha e seu Augusto Tio.

O folheto tem por titulo «*O Snr. Dom Miguel de Bragança e a Snr.^a Dona Maria da Gloria—collecção dos artigos das comparações publicadas no «Portugal.»*

A introducção foi escripta pelo *doutor* Casimiro de Castro Neves, natural de Louzada, e hoje residente em Lisboa.

As *comparações* diz-se que as escreveu o snr. Francisco Candido de Mendonça e Mello, bacharel da fornada de 1849, *natural de Bragança* e residente no Porto.

Francisco Pereira d'Azevedo é o editor e recebe os patacos do folheto.

As comparações ei-las ahi:{4}

«O Snr. D. Miguel não póde admittir em sua companhia a Snr.^a D. Maria, porque nada póde haver de commum entre ambos.

«O Snr. D. Miguel perseguiu os ladrões e assassinos; a Snr.^a D. Maria, diz o *Ecco*, que se bandeou com elles.

«O Snr. D. Miguel não perseguiu os seus amigos; a Snr.^a D. Maria tem perseguido a todos, e com muita especialidade o marechal

Saldanha.

«O Snr. D. Miguel sahiu pobre do paiz, porque não roubava nem deixava roubar; a Snr.^a D. Maria, diz o *Ecco*, que ha-de estar bem rica, e nós também o dizemos.

«O Snr. D. Miguel sahiu rico das saudades e benções d'um povo que o adorava; a Snr.^a D. Maria, se sahir, não leva poucas maldições e insultos, como póde testemunhar quem tiver ouvidos para ouvir o que por ahi se diz, e olhos para lêr os papeis que no paiz se publicam. Saudades é que realmente, não é só a nós, que não deixa nenhuma!

«O Snr. D. Miguel demittiu magistrados por não serem limpos de mãos; a Snr.^a D. Maria cobriu esses, e outros d'honras e dignidades.

«O Snr. D. Miguel protegia e promovia tudo quanto era portuguez; a Snr.^a D. Maria fazia o mesmo a tudo quanto era estrangeiro.

«O Snr. D. Miguel conquistou Portugal com{5} a sua pessoa só; a Snr.^a D. Maria com os estrangeiros de todos os paizes.

«O Snr. D. Miguel viveu com a maior economia, e foi fiel aos seus contractos; a Snr.^a D. Maria o contrario de tudo isto.

«O Snr. D. Miguel entregou intactas as joias da corôa; a Snr.^a D. Maria *consentiu* que não só se roubassem as de seu augusto Tio, se não ainda que se lhe apoderassem dos bahus da sua roupa branca, que a Snr.^a Vadre lhe conduzia, e que lhe usurpassem os seus bens proprios.

«O Snr. D. Miguel enviou o brigue de guerra *Téjo*, commandado pelo 1.^o tenente Caminha, ao Rio de Janeiro, levar aos seus parentes brasileiros a herança de seus augustos parentes fallecidos; a Snr.^a D. Maria consentiu que seu augusto Tio fosse defraudado não só da herança de seus augustos paes, senão ainda de todo esbulhado da herança universal de sua augusta irman fallecida em Santarem.

«O Snr. D. Miguel sustentou sempre os criados da casa real, ainda os de opinião contraria; a snr.^a D. Maria pô-los todos na rua, substituindo muitos por estrangeiros, e deixou morrer á fome as criadas da Snr.^a D. Maria 1.^a escapando sómente as netas do famoso João Pinto Ribeiro, que tanto concorreu para elevar a casa de Bragança ao throno; porque os legitimistas tomaram a si o seu parco sustento.{6}

«O Snr. D. Miguel tratou sempre bem as familias dos presos politicos, como pôde testemunhar entre outras a filha de Pedro de Mello Breyner; a Snr.^a D. Maria tratou muitas como a esposa do conde de Villa Real, D. Fernando, que regressou do paço moribunda.

«O Snr. D. Miguel não consentiu nunca que nos actos officiaes se insultassem os seus parentes brasileiros; a Snr.^a D. Maria tem *consentido* que nesses mesmos se insulte constantemente seu augusto Tio.

«O Snr. D. Miguel augmentou o patrimonio real; a Snr.^a D. Maria tem-no dissipado, alienado e destruido.

«O Snr. D. Miguel nunca mandou festejar os dias em que portuguezes derramaram o sangue de portuguezes; a Snr. D. Maria não só consentiu que se festejassem esses dias, senão ainda aquelles em que estrangeiros mataram portuguezes e tomaram navios portuguezes.

«O Snr. D. Miguel escolheu para ministros d'estado homem de inconcussa probidade e limpeza de mãos; a Snr.^a D. Maria escolheu os caracteres mais corrompidos e corruptores que havia no reino, e expoz-se a sete revoluções para sustentar, a despeito da opinião publica nacional e estrangeira, o homem mais detestavel que tem produzido a nossa terra—o homem que roubou descaradamente—o maior dos concussionarios—o{7} valido mais torpe—o homem de *Queen's bench*—o conde de Thomar!

«O Snr. D. Miguel fez respeitar sempre o palacio de nossos reis; a Snr.^a D. Maria fê-lo descer até onde não podia descer mais.

«O Snr. D. Miguel foi compadre de muitos bravos soldados de seu exercito; a Snr.^a D. Maria foi comadre do villão mais cobarde que havemos conhecido.

«O Snr. D. Miguel escolheu para diplomaticos os homens mais conspicuos e probos do paiz; a Snr.^a D. Maria escolheu *muitos* contrabandistas e ladrões descarados.

«O Snr. D. Miguel não podia pôr pé fóra do paço que não o acompanhassem ondas de portuguezes; a Snr.^a D. Maria tem atravessado Lisboa e as provincias no meio d'um silencio sepulchral.

«O Snr. D. Miguel respeitou sempre os bispos, ainda os que eram indigitados de contrarios á sua opinião; a Snr.^a D. Maria consentiu que os perseguissem todos, e ainda ha alguns no exilio.

«O Snr. D. Miguel queria reformar as ordens religiosas, e de accôrdo com a Sé romana nomeou reformadores; quem governava em nome da Snr.^a D. Maria destruiu-as, e expulsou os seus membros, depois de esbulhados de quanto possuíam.

«O Snr. D. Miguel era escravo da opinião publica;^{8} a Snr.^a D. Maria sempre a tem despresado, tornando-se necessaria uma revolução para se mudarem os ministros corruptos e corruptores.

«O Snr. D. Miguel foi chamado ao throno pelas antigas leis da monarchia, applicadas por tribunaes que não creou; a Snr.^a D. Maria foi chamada ao throno por uma carta de lei, feita expressamente para este fim pelo imperador do Brazil, seu pae, e applicada por bayonetas estrangeiras.

«O Snr. D. Miguel estava em Vienna á morte de seu augusto pae, e foi proclamado e sustentado pela maioria da nação com as armas na mão, sendo necessario vir o exercito de Clinton para que lh'as

podessem arrancar; a Snr.^a D. Maria só teve por si, na maxima parte, os estrangeiros que cobiçavam as preciosidades das egrejas e dos conventos.

«O Snr. D. Miguel vestiu e calçou os seus soldados com objectos portuguezes; a Snr.^a D. Maria mandou vir para os seus fardamento e calçado da Inglaterra, pesando-lhe por não poder mandar vir de lá tambem a agua para se lavar.

«O Snr. D. Miguel apesar da amizade que o ligava a seu Tio Fernando 7.^o, recusou entregar-lhe os refugiados politicos hespanhoes, e pagou-lhes a passagem para sahirem livremente do paiz; a Snr.^a D. Maria consentiu que assassinassem no paiz alguns emigrados carlistas, conservou outros{9} em duros ferros, e entregou alguns para serem garrotados.

«O Snr. D. Miguel empregou muitos constitucionaes, sómente porque tinham merecimento; a Snr.^a D. Maria não só demittiu todos os legitimistas, senão ainda que tem demittido aquelles que por ella se teem sacrificado.

«O Snr. D. Miguel vestia e calçava objectos portuguezes; a Snr.^a D. Maria até manda engommar a roupa a Inglaterra.

«O Snr. D. Miguel, do que produziam as quintas reaes, distribuia gratuitamente aos seus criados, e ao povo; a Snr.^a D. Maria não só destruiu a matta dos buxos de Queluz para ser vendida aos torneiros, senão ainda mandava vender á praça até salsa e hortelan.

«O Snr. D. Miguel folgava de fazer cultivar as terras da corôa, e de ser o primeiro lavrador de Portugal; a Snr.^a D. Maria alienou tudo na maxima parte, e o que não alienou, arrendou ou deu ao seu valido.

«O Snr. D. Miguel tratava com esmero a formosa raça d'Alter; a Snr.^a D. Maria mandou vender tudo, até mesmo os cavallo e muares da casa real, conservando apenas alguns poucos rabões inglezes e hanoverianos.

«O Snr. D. Miguel respeitou o banco, apesar de lá estarem os fundos dos seus contrarios, e de ser administrado pelos seus adversarios politicos;{10} a Snr.^a D. Maria fez-lhe crua guerra.

«O Snr. D. Miguel reconheceu os emprestimos feitos para debellar os principios que o elevaram ao throno; a Snr.^a D. Maria não quiz reconhecer nunca o emprestimo do Snr. D. Miguel contrahido para matar a fome aos empregados publicos.

«O Snr. D. Miguel tinha captado de tal sorte o amor dos soldados, que apesar de rotos, descalços, famintos, e quebrantados de uma lucta tão prolongada, quebravam as armas que os estrangeiros vinham arrancar-lhes das mãos; a Snr.^a D. Maria tem contrariado de tal modo os sentimentos do paiz, e alienado as affeições dos seus mesmos, que em todas as contendas vê rarear as suas fileiras de soldados que vão engrossar as dos contrarios.

«O Snr. D. Miguel tinha e queria sómente os empregados necessarios; a Snr.^a D. Maria consentiu que se arvorasse ametade do reino em empregados para devorar outra ametade.

«O Snr. D. Miguel fez-se idolatrar a tal ponto do povo, e do exercito, que até os seus mesmos adversarios o reconheciam a ponto de lhe cantarem:

*Quanto mais a fome aperta
Mais se canta o rei chegou:*

e não tem bastado a longa ausencia de dezesete{11} annos para destruir as affeições e esperanças dos portuguezes; a Snr.^a D. Maria tem-se feito detestar dos seus mesmos, e o que é maior desgraça ainda o seu nome está sendo coberto de improperios.

«O que se tem dito do Snr. D. Miguel, diz-se de todos os monarchas decahidos; porém o que se diz da Snr.^a D. Maria, diz-se de pouquissimas rainhas no throno.

«O Snr. D. Miguel, quando viu que a lucta só concorria para derramar sangue portuguez inutilmente, e acarretar desgraças inevitaveis ao paiz, porque parte da Europa dormia á beira da abysmo, e a outra parte estava colligada contra elle, convencionou em Evora-Monte, estipulando que se respeitasse a vida e propriedade dos seus, e que se lhe dêsse a elle, que de tudo era privado, uma parca subsistencia; quem governava pela Snr.^a D. Maria, desconheceu logo a convenção que tambem fôra assignada pela *leal* Inglaterra—condemnou ao ostracismo e á fome o Principe generoso e uma grande parte da nação portugueza—fez derramar ondas de sangue portuguez, e com a nefanda lei das indemnisações esbulhou da propriedade quem a tinha—a Snr.^a D. Maria acceitou a herança de todos estes maleficios, e *consentiu* que continuassem—applicou-os depois aos seus mesmos, e pretende conservar-se no throno a risco de perder a dynastia.{12}

«O Snr. D. Miguel rejeitou as propostas de Christina Munhoz de fazer entrar o exercito de Rodil em seu auxilio, e de o casar com uma sua irman se mandasse sahir D. Carlos de Portugal; a Snr.^a D. Maria não só tem acceitado todas as propostas para se firmar no throno, se não ainda as tem deprecado, subindo até lá nos braços de Rodil e Parker, e sendo sustentada por Concha e Maitland, executores, do famoso *protocollo*, e se os estrangeiros se não oppozerem agora á sua sahida, e ella se verificar, como dizem, são os portuguezes quem a poem fóra a contento do clero, nobreza e povo!

«O Snr. D. Miguel não gastava ao thesouro annualmente acima de 20 contos de reis; a Snr.^a D. Maria gasta ao *misero* e *defecado* Portugal 365 contos de reis por anno, e ainda 100 contos para seu marido, afóra as dezenas e dezenas de contos para seus filhos.

«O Snr. D. Miguel conservou a Tapada real de Villa Viçosa, na mesma grandeza com que seus augustos predecessores a tiveram; a Snr.^a D. Maria manda vender as lenhas e as estevas, que todos os dias d'ahi sahem em abundancia para Borba e Villa Viçosa, e n'esta ultima terra tem um açougue publico de carne de veado e gamo,

que os seus criados todos os dias matam na tapada; negoceia-se com a bolota, com as pelles dos veados, e até com os chifres!»{13}

E então, não fallam bem destravadamente estes ridiculos fanfarrões?.. Elles, os selvagens, que ainda ha poucos annos *tinham medo d'apparecer no Porto*, não estão agora, com as suas roncas, armando aos patacos dos papalvos?... E cuidaes que é um acto de valor pessoal—que é, ao menos, uma temeridade que praticam?... Nada d'isso.—Não será verdade que elles mesmos andam por ahi a dar a explicação do seu arrojo, assoalhando, com espantoso cynismo, os presentes que fazem ao snr. *delgado*—vangloriando-se dos bellos córtes de panno da Belgica, que lhe remettem, e dos bellos pintos, que elle lhes chucha?...

Diga-o... quem o souber—e no entanto passemos á

SEGUNDA PARTE.

REFLEXÕES.

Quem diz o que quer, ouve o que não quer. Assim reza um adagio, que, pela sua antiguidade, merece, por certo, a approvação dos *escribleros* do «*Portugal.*»^{14}

«O Snr. D. Miguel—dizem elles—não póde admittir na sua companhia a Snr.^a D. Maria.»

E é verdade. Não póde—porque assim o quizeram meia duzia de sanguinarios—meia duzia d'aristocratas estupidos—meia duzia de fradalhões devassos—meia duzia d'ambiciosos e algumas duzias de scelerados, que, entre o Tio e a Sobrinha, cavaram um abysmo insondavel, precipitando n'esse abysmo o infeliz Portugal,—não o ridiculo e o infame «*Portugal*» de que foi editor um sapateiro demente e estuporado—de que é editor e especulador um negociante de *algo-DÃO*—mas este Portugal de sete seculos, esta nação que se envergonha de ter no seu seio um bando de selvagens e desavergonhados, um bando de parasytas, um bando de zangões e empalmadores.

«O Snr. D. Miguel perseguiu os ladrões e assassinos.»

Mentis, senhores da *tripeça-gazetal*, e mentis como perros.—O Snr. D. Miguel teve desejos de fazer punir os ladroes—mas os ladroes cercavam-no por toda a parte, e como andavam *mascarados*, era difficil conhecêl-os

«O Snr. D. Miguel não perseguiu os seus amigos—a Snr.^a D. Maria tem perseguido a todos.»

Mentis, e mentis com o damnado fim de amargar a existencia do infeliz Principe, que^{15} chora no exilio os negros crimes de que vós e os vossos o fizeram victima.—O Snr. D. Miguel não queria perseguir os seus amigos mas perseguiu-os o estúpido bando de scelerados, a que vós pertenceis.—Lembraí-vos de que escreveis no Porto, senhores do «*Portugal*» e que no Porto, no tempo em que vós dominaveis, foram cacetados, indistinctamente, liberaes e realistas—ainda mais, no Porto foram cacetadas as proprias auctoridades constituídas em nome do Snr. D. Miguel.—É aqui bem publico e notorio que o corregedor do crime foi cacetado, no largo do Carmo, pelos soldados do 12, e como lhes gritasse «Senhores, eu sou o corregedor!»—«É por isso mesmo!»—lhes tornavam elles—redobrando com nova furia as cacetadas.—É aqui bem sabido que n'esse tempo bastavam tres testemunhas das de quartilho de vinho—para se levar um homem á forca;—bastava alcunhar qualquer realista de *malhado*, para o vêr martyrisar por essas ruas;—bastava calumniar alguém, chamando-lhe *pedreiro-livre*, para o vêr gemer n'uma cadêa.—Podíamos aqui escrever um longo capitulo d' historia—que vós fingis ignorar—mas poupamo-nos a esse trabalho, porque fallamos no meio d'uma cidade onde todos sabem quantos realistas gemeram nas cadêas por vinganças particulares—quantos caloteiros se fingiam realistas para perseguir os seus crédores—quantos^{16} ladrões se infeitavam com o tope azul e vermelho, para atterrarem aquelles a quem tinham roubado.—Era n'esse tempo que o vosso chefe d'então e vosso chefe d'agora—o scelerado fradalhão Luiz..... levava a tiro de pistola as mulheres que se não dobravam aos seus desenfreados appetites;—era n'esse tempo que elle, o malvado *pedréca*, arranjava empregos para os paes, a troco da deshonra das filhas;—era, finalmente n'esse tempo, que muitos bandoleiros se acobertavam com o nome d'amigos do Snr. D. Miguel, para o tornarem odioso, e para augmentarem, como augmentaram, o partido liberal.—E ainda hoje continuaes a acobertar os vossos crimes com o nome do infeliz Principe, trazendo-o para a discussão a todo o proposito; e ainda hoje continuaes a perseguição aos seus melhores e mais leaes amigos.—Aqui estamos nós—nós que fomos emballados na affeição mais pura á pessoa do Snr. D. Miguel—nós,

que, pensando servil-o, temos constantemente sacrificado o nosso futuro e arriscado a nossa vida,—e que hoje, desenganados, só pedimos a Deus que o Augusto Exilado não caia de novo nas vossas mãos—porque seria um instrumento de perseguição e de morte para metade dos filhos d'esta terra;—nós, em fim, que podemos dar testemunho da vossa ferocidade. E porque nos perseguistes vós?... Porque não^{17} pudémos deixar-nos roubar, sem que gritássemos *aqui-d'el-rei* sobre os ladrões, denunciando-os ao publico, de viva-voz e pela imprensa.

Calai-vos, *honrada-gente!*... calai-vos, que é esse o maior serviço que podeis fazer ao Snr. D. Miguel de Bragança.

Não nos daremos agora ao infadônhoo trabalho de reflectir sobre cada uma das vossas *comparações*—talvez o façamos, se continuardes a provocar-nos; no entanto, sempre vos repetiremos que é damnada a intenção com que comparaes S. M. a Rainha com seu Augusto Tio, attribuindo a este alguns actos, com que pretendeis acobertar os vossos crimes, e áquella alguns erros, de que não póde nem deve ser responsavel—porque reina e *não governa*, como acontece a todos os Monarchas constitucionaes.—O que vós quereis—não nos cançamos de o dizer—é fazer pesar sobre o Snr. D. Miguel a responsabilidade de todos os assassinios, de todos os roubos, de todas as tropellias, de todas as perseguições, que praticastes em seu nome.

As vossas comparações—se não fôsse bem conhecida a damnada intenção com que são feitas—só serviriam para tornar odioso o nome do Augusto Tio da Soberana.

Se a Senhora Dona Maria II deve ser responsavel—como Rainha constitucional—pelos actos do seu governo, como vós quereis; é assaz^{18} logico, é concludentissimo, que o Snr. D. Miguel—como Rei absoluto—é o unico responsavel por todos os erros, por todos os crimes, que em seu nome praticou esse bando de scelerados a que pertence o «*Portugal.*»

Não illudaes o povo, *honrados homens!*... não especuleis com a ignorancia das turbas...

O Snr. D. Miguel I foi Rei absoluto, e comtudo não deve ser responsavel por muitos crimes, que se praticaram em seu nome, e que elle ainda hoje ignora.

A Snr.^a D. Maria II é Rainha constitucional, e n'esta qualidade irresponsavel pelos actos do seu governo.

Portanto, as *comparações* do «*Portugal*» são filhas da mais refinada hypocrisia e estupidez, e tendentes só a desacreditar o Augusto Exilado.

Estaes ahi a fingir-vos victimas da perseguição dos agentes do governo, e se houvesse *um delegado*, que soubesse cumprir com o seu dever, como vos attreverieis vós a asseverar pela imprensa, que a Soberana manda vender salsa e hortelã!!! e que negocea com bolota, com pelles e até com chifres???!!!!...

Senhores do «*Portugal*» não falleis em *chifres*, que se ri o povo.... não falleis em *salsa* e *hortelã*, que deitaes por terra, por vossas proprias mãos, essas *salsadas* que escreveis no vosso despresivel papel.^{19}

Silencio!... e deixai-nos respirar um pouco, antes de passarmos á

TERCEIRA PARTE.

DESENGANO.

Quem ouvir desprevenido as *roncas* do «*Portugal*»—quem lêr as suas *lamentações*—ha-de julgar que alli ha convicções profundas—um valor a toda a prova—uma resignação para o martyrio.

Pois se ha quem tal pense, está completamente enganado.

O «*Portugal*» é uma especulação mercantil de Francisco Pereira d'Azevedo—mais vulgarmente conhecido pelas alcunhas de Ignez das Hortas e de Francisco da Velha.

O snr. Francisco é ao mesmo tempo editor, proprietario da imprensa e da gazeta, e negociante de *algo*-DÃO.

A gazeta intitula-se realista, e não é mais do que *farcista*. É a mesma gazeta de que foi editor o sapateiro José Ferreira da Silva.

Sabemos que nas provincias ha muita gente que não quer acreditar, que um miseravel sapateiro, estuporado e tonto, fosse o editor da gazeta dos *fidalgos velhos*, do periodico da aristocracia de *sangue azul*! Pois, para que se desenganem,^{20} aqui lhes vamos dar alguns apontamentos para uma byographia do sapateiro, primeiro editor do «*Portugal*.»

José Ferreira da Silva, filho de paes pobrissimos, e natural d'esta cidade, foi, ainda creança, para casa d'um sapateiro, onde começou por engraxar botins, remendar sapatos de gallegos e chinellos velhos, até que, por meio das suas *habilidades* e com a ajuda

d'alguns patacos, que os freguezes do mestre lhe davam de *molhadura*, quando lhes hia levar as botas, pôde estabelecer-se e casar. Tendo já loja sua, fez-se *carola* por especulação, e tal era a *habilidade* e a *ligeiresa de mãos* de que a natureza o dotára, que, dentro de poucos annos, achava-se possuidor d'alguns contos de reis, arrançados ou empalmados nas confrarias e irmandades, em que se mettia, como piolho por costura. Por ocasião da invasão franceza, uniu-se aos anarchistas, cujas *proezas* são bem sabidas n'esta cidade, e dentro em breve tempo montavam os seus haveres a trinta mil cruzados, chegando a ser capitão dos bandoleiros do *chuço*. Desde então, começou a trabalhar menos pelo officio, mettendo-se a onzeneiro, e dando dinheiro a juros, com enormissimas usuras; porém, o que n'este mister ganhára, levou-lh'o o diabo para as mãos de um negociante, que, pouco depois, se declarou em estado de fallencia. Estonteado com este revéz,^{21} teve o primeiro attaque de estupôr, e começou desde então a andar quotidianamente pelas igrejas. Era tão entusiasta pelas idéas liberaes, que, no tempo do cêrco, foi denunciar os moveis, pratas e mais objectos de valor pertencentes ao fallecido snr. José Antonio (empregado na policia do Porto), que era seu inquilino, e tinha acompanhado o exercito realista, achando-se, por isso, ausente. Tudo foi sequestrado, e foi tal a raiva do sapateiro, quando o Snr. D. Pedro deu a amnistia, mandando levantar os sequestros, que ficou mais estuporado do que estava. Era tal a sua avareza, que, tendo ainda uma boa fortuna, andava vestido como um mendigo, e seus filhos não morriam de fartos, como é notorio pela visinhança. Estando completamente estuporado e tonto, houve um delegado, que, por empenhos, *ou pelo quer que fôsse*, o acceitou para editor da infame gazeta, intitulada «*Portugal*», e com quanto não recebesse por isso dinheiro (por estar tonto de todo) recebia-o por elle um filho, que ainda hoje é caixeiro da *tripeça-gazetal* da rua das Hortas. Nos ultimos tempos da sua vida, tinha uma loja d'adeleiro na rua Formosa, onde continuava a emprestar dinheiro sobre ouro, prata e roupas, com enormissima usura, levando de juros, de cada cruzado novo, trinta e quarenta reis por mez, o que equivale a *cento por cento ao anno!!!*... Falleceu^{22} d'uma queda no dia 29 d'Outubro

de 1851, testando duas moradas de casas, a roupa e moveis da adella e algum dinheiro.

Deus se compadeça da sua alma.

Eis-aqui uns apontamentos para a byographia do miseravel sapateiro, escriptos conscienciosamente, sem odio ou affeição.

Agora, se querem desenganar-se da refinada hypocrisia e cynismo da infame gazeta dos *farcistas*, comparem estes apontamentos com os que se lêem no «*Portugal*» de 10 de Novembro de 1851:

«O snr. José Ferreira da Silva, natural d'esta cidade, e filho de paes pobres, mas honrados^[1], acaba de descer á sepultura, no cemiterio da ordem 3.^a de S. Francisco, com todas as honras funebres e com mais de 80 annos d'idade. Era laborioso e de boas contas^[2], e tão amante de seus paes, que os teve em sua companhia até que falleceram. Agenciára elle pelas suas economias o melhor de 25,000 crusados^[3] que empregou muito bem em promover a educação^[23] de sua familia, e em obras pias^[4]. Era tão apaixonado das confrarias^[5] que pertenceu a quasi todas as d'esta cidade, sendo provedor da de S. Chrispim^[6] definidor da 3.^a de S. Francisco, mesario e protector de diversas outras. Serviu de juiz d'Artes^[7], e foi capitão d'ordenanças por occasião da invasão franceza^[8]. Era muito estimado e acolhido das principaes familias d'esta cidade^[9]. A sua nimia boa fé o fez ser victima d'uma quebra em que se fundiu a maior parte da sua fortuna que tinha em mãos do quebrado^[10]. O seu animo religioso não se abateu com a adversidade, e hauriu perennes consolações no bom desempenho dos seus deveres domesticos e no exercicio dos actos religiosos, ouvindo missa quotidianamente, visitando o SS.^{mo} Sacramento, e assistindo ás numerosas funcções religiosas que se celebram n'esta cidade. Era portuguez de velha tempera, e tão decidido legitimista^[11], que se offereceu para editor *gratuito do Portugal*^[12], e o foi com a melhor vontade até que Deus o chamou a si^[13]. Não o arredou^[24] nunca do seu honroso posto a bateria d'insultos com que o mimosearam os nossos adversarios^[14] que estranhavam que um honrado popular fosse editor d'um periodico legitimista, como se a legitimidade excluísse classes. No entanto á borda da sepultura todos os collegas adversarios se portaram cavalheirosamente com o nosso editor. Houve apenas uma excepção no *Pobres*. Nós lhe perdoamos o seu cynismo em nome do fallecido. Pelo que nos toca depositamos aqui um

penhor eterno de gratidão e respeito ao veneravel^[15] ancião que nos escudou perante a lei, e esperamos que na presença do Eterno advogará a nossa causa que é a da justiça e do direito^[16]. O nosso bom amigo falleceu d'uma queda e testou com acerto^[17], deixando uma viuva inconsolavel e uma filha e um filho herdeiros de sua honra e virtudes^[18]. *Deus o tenha á sua vista*^[19].

E que tal! Assim é que se engoda o povo, para lhe hir pilhando os pataquinhos! É assim que o *Portugal-gazeta* costuma dizer a verdade!

Que honrada gente! E não lhes coram as faces, quando apparecem em publico!^{25}

Comparai estas amabilidades para com um miseravel sapateiro, estuporado e tonto, com o grosseiro procedimento do snr. Francisco Candido para com a «*Neta e Sobrinha de Reis*» procedimento que scandalisou muitos realistas sensatos, que não comem nem querem comer a custa da illusão dos povos.

D'um lado uma consciencia tão larga, que fez do sapateiro um homem honrado, piedoso, realista, &c. &c. Do outro uma consciencia tão estreita e mesquinha, que se despede da Assembleia, porque a quasi totalidade dos socios resolvêra obsequiar S. M. a Rainha!!!

Parece-nos que não haverá ninguém que não suspeite qual é o fim d'estes *fogachos facciosos*...

Do direito fazem torto
Estes astutos velhacos;
Chamam gente a um asno morto...
Tal é o poder dos patacos!!!

Uma das duas: ou o snr. Francisco Candido é o unico homem escrupuloso e de convicções profundas, dos que escrevem no *Portugal*—ou pretende enganar o povo.

Se agarra na primeira ponta do dilemma—deve largar já a redacção do infame *Portugal-gazeta*, fazendo assim a vontade ao padre Luiz, ao F. da Velha, e ao garoto do pião.... Se^[26] agarra na segunda—tambem não podêmos deixar de lhe dizer, que procure um modo de vida mais decente.

Fóra d'ahi, snr. Francisco Candido! Um homem de probidade austera não póde, nem deve escrever na infame gazeta inaugurada sob a responsabilidade do homem mais despresivel que existia no Porto. Fóra d'ahi! Deixe o logar a esses scelerados que lh'o cobiçam. Fóra d'ahi, que a questão, para elles, é só questão de dinheiro. Fóra d'ahi, se não quer que o publico o tenha na mesma conta em que os tem a elles.

Ignora, snr. Francisco Candido, que ahi se levam moedas pelas correspondencias que, em sua defesa e em defesa do seu partido, mandam lançar os proprios homens, a quem o *Portugal-gazeta* chama seus correligionarios e amigos!! O snr. Cachapuz que o informe... elle, que aggredido pelo *Ecco Popular*, como auctoridade realista, teve de dar bons pintos pela defesa que fez inserir na gazeta dos *farcistas*.—«*Um pataco por linha e nada menos.*»

Não acontecia assim com a PATRIA, que nunca levou nem um real por semelhantes correspondencias—porque o redactor da PATRIA^[20] ^{27} não sabia ser gazeteiro, e o snr. Francisco Candido bem conhece aquelles que o roubaram, abusando do seu demasiado cavalheirismo e boa fé.

Veja se gosta d'esta comparação, snr. Francisco Candido, e saiba (se o ignora) o que é uma gazeta na mão d'um *negociante*.

Agora, ouça mais duas palavras, e ouça-as tambem o povo, para ficar completamente desenganado ácerca do *Portugal-gazeta*.

Ha cousa d'um anno, appareceram no *Ecco Popular* uns artigos infames (cujá publicação foi provocada por uma polemica do infame *Portugal-gazeta*) nos quaes se davam ao Tio da Rainha os nomes mais injuriosos, e entre estes, o de *assassino*!!—O editor do *Ecco*

póde dar testemunho dos esforços, que eu fiz, invocando a sua generosidade, para que retirasse da discussão o augusto nome do infeliz exilado; mas, apesar d'estes esforços, lá appareceram no infame *Portugal-gazeta* umas allusões torpes, envolvendo a perfida insinuação de que era eu o auctor de semelhantes artigos!—Um dia, ao cahir da noite, encontrei, na rua dos Lavadouros, o snr. Francisco^{28} Candido de Mendoça e Mello, e perguntei-lhe se já estava desenganado de que não eram meus os artigos. Respondeu-me «que entre mim e elle (snr. Mendoça) não havia motivo algum d'inimidade; que até algumas vezes havia dito que eu tinha razão de me queixar do que acontecera com a PATRIA; e que elle (snr. Mendoça), avisado do que se passára commigo, era redactor *independente* do «*Portugal*» e não recebia ordens de ninguem, nem mesmo quanto á politica do jornal; que já se sabia que não eram meus os artigos em que o Snr. D. Miguel era tão atrozmente calumniado; que as allusões, de que eu me queixava, tinham nascido d'uma errada persuasão, e não de odio ou vindicta.»—Fiquei *quasi* satisfeito com a declaração do snr. Mendoça; e para o ficar *completamente*, disse-lhe que era justo rectificar a perfida insinuação que se fizera. Assim o julgou o snr. Mendoça, e assim m'o prometeu; mas, até hoje, estou á espera do cumprimento da sua promessa!—Queria o snr. Mendoça cumpril-a, e serviriam d'obstaculo os *negociantes de politica*, que já não é a primeira vez que negoceiam com o meu credito, com o meu suor e com o meu sangue?... Fóra d'ahi, snr. Mendoça! Um homem de probidade austera, não póde conservar essa posição.—Olhe que não escrevo isto para augmentar os seus embarços. Sei que ha promessas solemnes^{29} de lhe apalpar as costas, e se os meus pedidos valessem, eu pediria que ninguem fizesse caso da sua despedida da Assembleia, das suas cartas, e do mais que se tem passado.

Duas palavras ao snr. *Antonio Pinto Cardoso da Gama*, e peço tambem para ellas a mais séria attenção do publico.

O snr. *Gama* é delegado do procurador regio na 2.^a vara, e debaixo da sua alçada está a typographia do *Portugal-gazeta*. A mim não me importa que o snr.

Gama deva obrigações a ninguém; o que desejo é vê-lo applicar a lei igualmente a *amigos* e adversarios.

Snr. *Gama*: No dia 29 d'Outubro de 1851 falleceu o sapateiro José Ferreira da Silva, que foi editor do *Portugal-gazeta*. Este infame papel continuou a publicar-se *illegalmente*, até ao dia 10 de Novembro, *debaixo da responsabilidade do fallecido*, e o snr. *Gama* não procedeu, senão depois que eu requeri procedimento! Por fim, o «*Portugal*» foi absolvido; mas o seu proprio defensor teve a franqueza de me confessar que a sentença estava mal fundamentada—porque a lei é muito clara e a infracção era muito visivel! Eu sei tudo o que se passou com esse *decantado* processo, e calo-me por ora, mas hei-de fallar, e *fallar muito claro*, quando fôr tempo para isso.... Agora, snr. *Gama*, vou mostrar-lhe quanto é nociva a impunidade, e quanto é prejudicial que se não observem as leis.

O snr. *Gama* já sabe (porque o escripto se vende publicamente, e devia ser-lhe remettido, na conformidade da lei), que na imprensa dos *negociantes* do *Portugal-gazeta* se imprimiu um folheto intitulado==*Descrição da viagem de SS. MM. desde que sahiram{30} de Lisboa até á sua entrada n'esta cidade.*==Este folheto não traz o nome da officina, como a lei manda, e a lei pune severamente esta infracção, e a lei, snr. *Gama*, diz que qualquer pessoa do povo poderá accusar os delegados, quando estes não cumprirem com o seu dever.—Fico á espera, snr. *Gama*, e pouco me importa que o infame *Portugal-gazeta* me chame *denunciante*. Deus me livre de que elle me chame homem honrado. As cousas tomam-se como da mão de quem veem. Uma injuria na bôcca do immundo papel dos *farcistas* é o maior elogio que se me póde fazer.—Ao seu dispôr, snr. *Gama*.

.....

Já me vai faltando a paciencia, e creio que—para quem não for muito estúpido, muito hypocrita, muito desavergonhado ou muito simplorio—já bastam os factos que deixo apontados para todos se desenganarem de que o *Portugal-gazeta* é uma tôrpe especulação mercantil; que o editor, redactores e collaboradores só tractam d'illudir o povo, para lhe irem comendo os patacos; e, em fim, que publicam o papel mais infame que tem prostituido a imprensa;

Porque o *Portugal-gazeta*

«..... pirata inico
Dos trabalhos alheios feito rico»

—insulta a Rainha, e ao mesmo tempo imprime uma incomiastica descripção da viagem ao Porto, com a mira nos *pataqinnhos*.

Porque se finge victima d'uma perseguição acintosa, e encontra um delegado mais macio do que velludo.

Porque calumniá por gôsto, para especular com a honra, com o credito e com o suor alheio.

Porque se diz realista, e foi chuchando as moedas do snr. Cachapuz, para o defender como auctoridade realista.{31}

Porque anda todos os dias a atirar á praça publica o nome do Tio da Rainha, só pelo gôsto de o vêr desacatado pelas turbas, para depois ganhar patacos com as suas defesas e comparações.

Porque, finalmente, os que no *Portugal-gazeta* se declaram hoje defensores do Snr. D. Miguel—são os mesmos que hontem o cobriam d'injurias, e lhe chamavam tyranno e usurpador.

Este desengano é para aquelles que ainda acreditavam na boa fé do *Portugal-gazeta*. Resta-me dar tambem um desengano aos *gazeteiros farcistas*.

Escusaes de andar com investigações, prohibindo os vossos empregados de fallarem commigo—porque eu sei tudo o que se passa entre vós, e fui avisado, em tempo competente, d'aquella proposta, que se fez em certa reunião....., de se darem algumas moedas a quem..... e folguei muito de que alguns cavalheiros se portassem como verdadeiros fidalgos portuguezes, embora illudidos, repellindo uma proposta tão miseravel.

Podeis continuar a perseguir-me, que com isso só conseguis augmentar a aversão que vos tenho.

Este é o desforço que eu tiro das vossas provocações.—Tornai a provocar-me, que eu cá fico a colligir a *papellada velha*....

Senhores do *Portugal-gazeta*, procurai bem entre os do vosso bando, a vêr se encontraes os fabricantes de *moeda falsa*, de que ha pouco vos queixastes... Já estaes calados?!.. Dar-vos-hiam para isso alguma *moeda verdadeira*?...

Senhores do *Portugal-gazeta*—silencio!...

—

Leitores, desculpai a duresa da phrase e a desigualdade do estylo. Este folheto foi escripto ao correr{32} da penna, e resente-se das alternativas da minha vida.—Eu penso com Chateaubriand (sem

possuir o seu talento) que é uma loucura atirar com o meu nome ao meio da multidão;—comtudo para que se não julgue que declino a responsabilidade, aqui pônho a minha assignatura.

Porto 18 de Maio de 1852.

João Augusto Novaes Vieira.

[1] Não podêmos deixar de fazer algumas annotações a este ridiculo *apontado* d'imposturas.—Acreditariamos piamente que os paes do sapateiro fossem muito probos, apesar de pobrissimos; mas, desde que os *farcistas* lhes chamam *honrados*, ficamos com nossas duvidas... Deus nos livre de ser *honrado* na bocca de semelhante *gentinha*...

[2] Bastava que fôsse de tão boas contas como os que *tomaram á sua conta* a empreza da PATRIA... Arreda!

[3] E que tal? Um sapateiro que, em poucos annos, arranja 25 mil cruzados pelas *suas economias*, devia ser muito honrado...

[4] Ninguém sabe que elle praticasse taes obras, senão os *farcistas* do «*Portugal-gazeta*.»

[5] E como não seria apaixonado, se d'ellas é que *economisou* o dinheiro que tinha?...

[6] Por ser a confraria dos sapateiros.

[7] E era muito bom juiz, especialmente da arte do padre Antonio Vieira.

[8] Capitão dos bandoleiros do *chuço*, que assassinavam e roubavam a torto e a direito, dando ás suas victimas o nome de *jacobinos*.

[9] Pêta refinada.

[10] Por *Diós* veio, por *Diós* foi.

[11] Pois não! Todos os que forem ladrões, tractantes, calumniadores e desavergonhados—são decididos *legitimistas*, na bôcca do *Portugal-gazeta*.

[12] Refinadissima pêta.

[13] Foi uma occasião chamado á policia, *por impostura do delegado*, e perguntado se era o editor do «*Portugal*» respondeu primeiro que não sabia, e depois negativamente. Não obstante, continuou a figurar como editor, contra a expressa determinação da lei.—Quem quizer, que commente.

[14] Se elle estava tonto de todo, que lhe havia de importar?

[15] Miseravel e bem miseravel. O *Portugal-gazeta* troca os nomes a tudo.

[16] Fóra, *farcistas*!

[17] Ou alguém testou por elle.... quem sabe?...

[18] Podéra não!

[19] E lhe perdoe. *Amen*.

[20] Falla-se do verdadeiro fundador e redactor do jornal, e não do doutor Cazimiro de Castro Neves, *que ainda tem saudades do tempo em que jogava o seu pião*, como elle proprio disse em letra redonda, não obstante as nossas advertencias. Disse tambem que era «*uma pessoa physica*.» Veja-se, no diccionario de Moraes, a definição de pessoa, e conhecer-se-ha que o tal *menino dos olhos azues* é um *doutorasso*.... no jogo do pião, que é jogo de garotos.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O SENHOR
DOM MIGUEL I, E A SENHORA DONA MARIA II ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic

works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or

with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work

in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect

in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.